

RESPOSTA AO ARTIGO: NO PODER DO ESPÍRITO: ESPÍRITO SANTO

Gift Mtukwa, Africa Nazarene University

A Dra. Svetlana Khobnya enfocou um aspecto crítico da obra do Espírito Santo na vida da igreja, ou seja, o papel criativo do Espírito Santo no mundo. Ela propõe ir além dos aspectos cristológicos e soteriológicos e fazê-lo dentro de “uma estrutura trinitária e quadro escatológico” (p.1). Khobnya está ciente de que tal tarefa não deve ser realizada sem atentar para as “questões hermenêuticas” envolvidas em tal empreendimento. Para Khobnya, isso deve ser realizado levando em consideração “uma variedade de experiências e vozes” e, ao mesmo tempo, trazendo as “questões históricas e teológicas” necessárias para um “diálogo construtivo” (p.2). Khobnya se preocupa particularmente com “o papel do Espírito como fonte de união humana”, e examina vários textos do Novo Testamento para verificar como o Espírito realiza a obra de unir as pessoas. Essa união é um aspecto que não pode ser dado como certo, especialmente em nosso mundo fragmentado, como Khobnya reconhece. Já foi dito que “Onze horas do domingo ‘é a hora mais segregada da semana’.”¹ Se isso for verdade nos Estados Unidos, outras partes do mundo têm suas versões da hora segregada. Em algumas delas, especialmente no contexto africano, a segregação ocorre ao longo das linhas tribais ou das classes sociais que separam as pessoas. Não é novidade encontrar uma igreja tribal em uma cidade cosmopolita como Nairóbi, Lagos ou Joanesburgo. Isso também se aplica às igrejas da diáspora, onde as pessoas se reúnem no coração de Londres ou Atlanta como uma comunidade tribal. Alguém então se pergunta se estamos prestando atenção a esse importante aspecto que Khobnya está nos chamando a reconhecer. Os críticos podem contestar dizendo que, com toda a justiça, a igreja não é a única instituição onde se encontra segregação² – é uma realidade nas escolas e até mesmo nos locais de trabalho. No entanto, a igreja deve ser diferente porque ela tem o Espírito que trabalha criativamente para trazer união.

A evidência dessa união, Khobnya vê como parte de uma “profecia cumprida”. O que os profetas de Israel viram como eventos futuros, para os escritores do NT o futuro chegou. A vinda do Messias marca o início do cumprimento das promessas de Deus.³ A autora adota a abordagem de Richard Hays de “leitura figurativa” na qual textos ainda mais antigos são lidos a partir da perspectiva da vida, morte e ressurreição de Jesus. Khobnya observa que “o Espírito revela não apenas a identidade de Jesus e a sagrada união íntima entre Deus e Cristo, mas que o Espírito também descreve o fim do exílio e um emocionante novo começo para Israel e todas as nações”. Sim, de fato, existem maneiras pelas quais a história de Israel é completada na história de Cristo - no entanto, também precisamos defender o fato de que há descontinuidades entre a história de Israel e a história de Cristo.⁴ Existem maneiras pelas quais Israel falhou em ser o Israel planejado por Deus⁵ e o advento do Espírito, agora, torna possível que as pessoas estejam verdadeiramente juntas de maneiras que Israel e outras nações nunca poderiam imaginar.

¹ Stephen R. Haynes, *The Last Segregated Hour: The Memphis Kneel-Ins and the Campaign for Southern Church Desegregation* (OUP USA, 2012), 8.

² Haynes, *The Last Segregated Hour*, 8.

³ N. T. Wright, *The Climax of the Covenant: Christ and the Law in Pauline Theology* (Minneapolis: Fortress, 1994), 241.

⁴ Wright, *The Climax of the Covenant*, 14.

⁵ Wright, *The Climax of the Covenant*, 14.

Nos evangelhos, especialmente em Mateus, Khobnya vê a missão dos discípulos como capacitada pelo Espírito. Essa missão deve ser realizada além de Israel. Lucas, em seu evangelho, retoma isso e o completa no livro de Atos, onde vemos as pessoas reunidas e, tendo recebido o Espírito, começaram a entender o que significa estar verdadeiramente juntos. Para Khobnya, em Atos, vislumbramos de maneira visível e tangível como a vida em comum deveria ser. As pessoas que estão juntas, “Compartilham recursos, cuidam uns dos outros e acolhem os outros” (p.7). No entanto, devemos entender que este é o ideal de como a comunidade cristã deveria ser, mas a realidade mesmo em Atos nem sempre correspondia a esse ideal. A partilha de comida, por exemplo, trouxe discórdia na comunidade de fé. É notório que alguns falham em obter o desejo do Espírito, como visto na história de Pedro e Cornélio, um fato que Khobnya reconhece. O preconceito contra outros grupos de pessoas ainda existia na igreja em que o Espírito havia sido dado, e isso é algo que precisamos reconhecer. Nossa leitura das escrituras precisa fornecer maneiras de dar sentido a tais anomalias entre o ideal e o real. Precisamos resistir à tentação de ver a igreja primitiva como perfeita⁶, como muitas vezes é feito em muitos púlpitos ao redor do mundo. Fazer isso criará problemas com os quais acharemos difícil lidar.⁷ A resposta de Pedro aos incircuncisos “O Espírito me disse que eu fosse com eles, sem hesitar” (Atos 11:12) é importante para a igreja como Khobnya reconhece. A união está encapsulada na filosofia africana do *Ubuntu*, que o teólogo queniano John Mbiti capturou com estas palavras “Eu sou porque somos e porque somos, logo eu sou”.⁸ A frase em swahili *Tuko Pamoja* (estamos juntos) é uma expressão do espírito *Ubuntu*. No entanto, o Ubuntu não vai longe o suficiente para reunir as pessoas. Ele pode ser capaz de reunir o clã ou a tribo, no entanto, a verdadeira união que engloba todas as pessoas de todos os lugares só pode ser alcançada pelo Espírito de Deus. Como Khobnya observa, “a ideia de abraçar os outros sob a orientação do Espírito vai além dos mais próximos e desejáveis” (p.9). A igreja de hoje precisa se esforçar para “não fazer distinção entre eles e nós”. A união exige que abracemos os outros, por mais desconfortável que seja. De certa forma, o evangelho completa ou cumpre a filosofia do Ubuntu.

Os escritos do apóstolo Paulo têm mais a dizer sobre a união que é produzida pelo Espírito. Khobnya observa tanto a união vertical (Deus) quanto a união horizontal (pessoas) que o Espírito orchestra. A implicação que ela extrai de Paulo é que experiências verdadeiramente espirituais têm a ver com pessoas que nunca estariam juntas se unindo. Isso é contrário ao que vemos, como a ênfase do que é a evidência do Espírito Santo especialmente nos meios pentecostais, fato que Luis Felipe Nunes Borduam enfoca em seu artigo.⁹ Em Apocalipse, para Khobnya, a união humana “abrange povos diversos do mundo” e aí vemos o futuro tornando-se uma realidade no presente. Ela escreve: “A característica deste novo mundo, onde o Espírito de Cristo está ativo, reflete a ideia de comunhão inclusiva que abraça as diferenças, cruza fronteiras, capacita os impotentes e ajuda os desamparados” (p.12). Onde o Espírito está verdadeiramente ativo não se

⁶ Robert E. Webber, *Common Roots: The Original Call to an Ancient-Future Faith* (Grand Rapids, Mich.: Zondervan, 2009), 32.

⁷ Nijay Gupta, “‘We Should Be More Like the Early Church’: Good Idea or Bad Idea?,” Blog Post, *Crux Sola: Formed by Scripture to Live like Christ*, 8 February 2020, <https://www.patheos.com/blogs/cruxsola/2020/02/we-should-be-more-like-the-early-church-good-idea-or-bad-idea/>.

⁸ John S. Mbiti, *African Religions and Philosophy*, Repr. (Nairobi: East African Educational Publ, 2015), 105.

⁹ Luis Felipe Nunes Borduam, “In the Power of the Spirit,” *Didache 22* (n.d.): 1.

pode encontrar “a hora mais segregada” ou enclaves tribais na forma de igrejas. A mudança ou transformação que é engendrada pelo Espírito tem que acontecer em nós¹⁰ se quisermos abraçar nossos irmãos e irmãs que são diferentes de nós.

Será que em nossa tradição nossa compreensão da santidade enfatizou demais a união vertical (comunhão com Deus) em detrimento da união horizontal? Nossas igrejas são diferentes daquelas que são em sua maioria homogêneas ou refletimos a forma como a sociedade está estruturada? Tribo, raça e economia não devem separar as pessoas formadas pela obra criativa do Espírito. Parabens Khobnya por trazer isso ao nosso conhecimento, e precisamos colocar em prática o que ela diz aqui. Assim que fizermos isso, nos tornaremos um povo verdadeiramente santo.

Luis Felipe Nunes Borduan fala de glossolalia como o que as igrejas, particularmente em seu contexto sul-americano, enfatizam em detrimento da santificação do crente. O problema que ele vê é que os “êxtases espirituais”, que ele lamenta, não conduzem a uma transformação de vida das pessoas. (Borduan, p.3) O resultado é que o Espírito Santo é reduzido a um instrumento que permite que as pessoas prosperem, superem as batalhas espirituais e alcancem a justiça social. (Borduan, p.3-6). Na opinião dele, o papel do Espírito Santo nas Escrituras é a santificação do povo. Ele rastreia isso em várias passagens da Bíblia demonstrando como o Espírito torna as pessoas santas. Certamente o Espírito Santo torna as pessoas santas, afinal, ele é o Espírito Santo. No entanto, esse é o seu único papel? Podemos não concordar com aqueles que veem a evidência de ser cheio do Espírito Santo como glossolalia – e também não precisamos fazer o mesmo – reduzindo o papel do Espírito Santo apenas à santificação. O que precisamos é de uma perspectiva diferenciada sobre o papel do Espírito Santo, algo que Khobnya nos desafia a fazer. O Deus com poder para santificar também tem poder para lidar com o opressor como visto na história do Êxodo e Ele também fornece o poder de que precisamos para nos engajarmos na missão de Deus. A relação entre a justiça social e o Espírito Santo é algo ao qual os estudiosos prestaram atenção.¹¹ No entanto, Borduan deve ser elogiado por recuar, especialmente em seu contexto sul-americano (o mesmo é necessário no contexto africano), onde o pêndulo oscilou para o outro lado. Nós, na tradição de santidade, temos a oportunidade de fornecer a necessária correção na igreja sem levar o pêndulo ao outro extremo. Que Deus nos ajude a fazer exatamente assim. Amém.

¹⁰ Wright, *The Climax of the Covenant*, 244.

¹¹ Antipas L. Harris and Palmer, Michael D., “Introduction,” in *The Holy Spirit and Social Justice Interdisciplinary Global Perspectives: History, Race & Culture*, ed. Michael D. Palmer and Harris, Antipas L. (Lanham: Seymour Press, 2019), 2–25.